

Fadinhas, sereias e baile de favela: o protagonismo das atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020

Cláudio Delunardo Severino¹; [0000-0002-7026-3477](tel:0000-0002-7026-3477)
Jéssica Silva de Moraes¹; [0000-0002-0574-6667](tel:0000-0002-0574-6667)

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.
claudiodelunardo@gmail.com

Resumo: O esporte e a prática de exercícios físicos há muito tempo fazem parte da formação humana, mas nem sempre todos puderam vivenciar tal prática, pois às mulheres não era sequer permitido assistir às exibições e competições esportivas. Mesmo com avanços perceptíveis, as condições para a inserção das mulheres no universo das práticas esportivas ainda se encontram bem inferiores se comparadas às dos homens. Entretanto, mesmo com a resistência estabelecida pelo discurso hegemônico que justifica uma sociedade desigualitária, as mulheres atletas brasileiras vêm assumindo o seu protagonismo. Para compreender um pouco dessa trajetória, o presente artigo tem como objetivo analisar aspectos associados à desigualdade de gênero presente no universo esportivo e relacioná-las com o protagonismo de atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020, tanto no cenário esportivo como no contexto social. Como caminho metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se uma revisão bibliográfica por meio da pesquisa descritiva com base nos estudos realizados por autores e autoras que auxiliaram na compreensão, numa perspectiva histórica, das distinções de gênero nos cenários social e esportivo e também na luta por direitos igualitários quanto à participação de homens e mulheres nos Jogos Olímpicos. Foram consultadas as fontes de dados bibliográficas: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (Portal da Capes), Scielo e Google Scholar. Também se utilizou como fonte de pesquisa reportagens e crônicas esportivas referentes a participação das atletas brasileiras em Tóquio – 2020 e que são mencionadas no presente artigo. Percebeu-se que ao longo da história dos Jogos Olímpicos, a participação das atletas brasileiras apresenta considerável progresso, entretanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido para se alcançar um protagonismo necessário para um reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Mulher. Esporte. Protagonismo. Igualdade. Gênero.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

INTRODUÇÃO

Na história dos Jogos Olímpicos, a presença das mulheres vem apresentando notório crescimento. Entretanto, foi apenas na edição dos jogos de 2012, realizados em Londres, que todos os países participantes contaram com ao menos uma mulher em suas respectivas delegações (FIRMINO; VENTUR, 2017).

No Brasil, o percurso da educação das mulheres tem se caracterizado por um conjunto de lutas contra as restrições que lhes foram impostas. Baseada em uma educação europeia tradicional, a sociedade brasileira se consolidou como patriarcal, com o poder plenamente exercido pelo homem. E essa sociedade patriarcal, no anseio da valorização da família considerava que - e talvez ainda o faça – a mulher deve ser feminina e bela para que os seus papéis viessem a ser devidamente cumpridos, ou seja, o casamento e a procriação (BOURDIEU, 2012; GOELLNER, 2016).

Mesmo com a resistência estabelecida pelo discurso hegemônico que justificava uma sociedade desigualitária, as mulheres brasileiras vêm assumindo o seu protagonismo. E essa trajetória se inicia com Maria Lenk, nadadora que foi a primeira mulher a representar o Brasil em Jogos Olímpicos. Para compreender um pouco dessa trajetória, o presente artigo tem como objetivo analisar aspectos associados à desigualdade de gênero presente no esporte e relacioná-las com o protagonismo de atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020, tanto no cenário esportivo como no contexto social. Observa-se que muito embora as brasileiras tenham alcançado resultados significativos em diversas modalidades, é estabelecido aqui o enfoque em apenas três atletas: Ana Marcela Cunha, Rebeca Andrade e Rayssa Leal.

O estudo se justifica pela obtenção de informações a respeito da participação das mulheres atletas brasileiras em Jogos Olímpicos, bem como uma oportunidade para que docentes e acadêmicos tenham uma compreensão acerca do esporte e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no sentido de fazer com que ele se caracterize como um espaço igualitário, independente do gênero de seus praticantes.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

MÉTODOS

Como caminho metodológico, utilizou-se uma revisão bibliográfica por meio da pesquisa descritiva com base nos estudos realizados por autores e autoras que auxiliaram na compreensão das distinções de gênero nos cenários social e esportivo. Foram consultadas as fontes de dados bibliográficas: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (Portal da Capes), Scielo e Google Scholar. Também se utilizou como fonte de pesquisa reportagens e crônicas esportivas referentes a participação das atletas brasileiras em Tóquio – 2020 e que são mencionadas no presente artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mulher no esporte

A trajetória das mulheres na sociedade foi estabelecida por meio de muitas resistências e tentativas de ruptura de uma ideologia patriarcal. Essa realidade proporcionou uma discriminação das mulheres em cenários, por exemplo, no trabalho, na família e em práticas voltadas para o lazer (GIGLIO et al., 2018). Obrigadas a uma submissão provocada pela desigualdade, as mulheres foram alijadas da participação ativa na sociedade, cabendo a elas apenas o papel de mães e donas de casa.

No esporte, o aumento da aceitação das mulheres é um fenômeno cada vez mais observado. Nesse sentido, os Jogos Olímpicos representam notoriedade, pois trata-se de um momento no qual são reunidos os melhores atletas do planeta de cada uma das mais diversas modalidades. Firmino e Ventur (2017) apontam que na primeira edição dos Jogos da Era Moderna, realizada em Atenas no ano de 1896, 43 países foram representados por 211 atletas, a observar que nenhuma mulher participou das competições. Nota-se que desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos, o esporte apresenta características de algo que foi pensado pelos homens e para os homens, marcando, portanto, a sua generificação (GOELLNER, 2016).

Como nos Jogos da Era Antiga, manteve-se a proibição da participação das mulheres, pois isso seria conceder a elas o exercício do papel de cidadãs. Nota-se que na primeira edição dos Jogos da Era Moderna, prevalece o conceito a respeito da

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

“fragilidade feminina”, onde a mulher depende do homem em todas as situações e com direitos absolutamente restritos (FIRMINO; VENTUR, 2017).

O esporte olímpico e a mulher brasileira: primeiras participações

Quanto ao Brasil, a inserção das mulheres no universo esportivo se inicia em meados do século XIX. Contudo, somente a partir das primeiras décadas do século XX que essa participação passou a ganhar notoriedade. A considerar a participação em Jogos Olímpicos, a nadadora Maria Lenk foi a primeira brasileira - e sul-americana - a disputar a competição, em sua edição realizada em Los Angeles, em 1932.

Já em 1948, nos Jogos disputados em Londres, Mêlania Luz dos Santos, se tornou a primeira mulher negra a representar o Brasil nesta competição. Corredora, Mêlania disputou as séries iniciais dos 200 metros rasos e do revezamento 4x100 metros, não conseguindo se classificar para as fases seguintes (FIRMINO; VENTUR, 2017).

Posteriormente, Wanda Santos, corredora, participou dos Jogos realizados em Helsinque, Finlândia, em 1952. Humilde, moradora da periferia e auxiliar de escritório, assim como Mêlania, Wanda chamou a atenção por ser negra, o que nos remete à reflexão acerca do esporte, gênero, raça e trabalho (ROMARIZ et al., 2007).

Romariz e colaboradores (2007) também mencionam Mary Dalva Proença, atleta dos Saltos Ornamentais, que representou o país em Melbourne, Austrália, em 1956. Wanda iniciou a sua relação com a modalidade saltando em um igarapé que ficava nos fundos de sua casa localizada em Belém – PA. Com a família transferida para o Rio de Janeiro em decorrência do trabalho de seu pai, teve a oportunidade de treinar com a equipe do Fluminense, mas com o retorno à cidade natal, teve a sua carreira interrompida, pois não poderia permanecer sozinha no Rio de Janeiro, já que, para os padrões morais, não ficava bem uma moça solteira morar longe de sua família.

A respeito dessa questão, percebe-se um posicionamento preestabelecido naquele período, que define a mulher “perfeita” como aquela que era a moça comportada, mãe dedicada e que tinha no lar o seu devido lugar, apresentando sempre um comportamento doce e servil, bem distante da esfera política e do campo das decisões associadas ao destino da sociedade (DAVIS, 2016).

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

No percurso cumprido pelas mulheres que representaram o país em Jogos Olímpicos, Aída dos Santos, pentatleta, chegou a sofrer com a ideia de seu pai a respeito da prática esportiva e da participação de sua filha em competições, já que ele considerava isso como ‘coisa de vagabundo’, pois não gerava renda à família. Apesar disso e superando preconceitos associados à sua condição de mulher, negra e de vida modesta, Aída representou o Brasil nos Jogos Olímpicos realizados em Roma, Itália, em 1960 e em Tóquio, Japão, no ano de 1964 (ROMARIZ et al., 2007).

Do pioneirismo de Maria Lenk até as medalhas conquistadas em Tóquio – 2020, passando pelas medalhas de Jaqueline Silva, Sandra Pires, Adriana Samuel e Mônica Rodrigues (Vôlei de Praia) em Atlanta – 1996 – as primeiras conquistadas por brasileiras em Jogos Olímpicos -, muitas histórias poderiam ser contadas, quase em sua totalidade envolvendo dificuldades enfrentadas pela questão de gênero e o preconceito contra a prática esportiva pelas mulheres (MACHADO, 2021).

Fadinhas, sereias e baile de favela: as atletas brasileiras em Tóquio - 2020

Rayssa Leal, conhecida como a “fadinha do skate”, comentou em certa ocasião que o *Skate* era um esporte de todo mundo, e não apenas “coisa de menino”. Aos treze anos de idade, Rayssa, maranhense, entrou para a história como a brasileira mais jovem a conquistar uma medalha olímpica, a prata na categoria *street* no Skate. Sua trajetória iniciou-se aos sete anos de idade, quando foi postado um vídeo no qual ela aparece andando de skate fantasiada de Sininho, personagem de Peter Pan, e consegue fazer um *heel flip* em uma escadaria com precisão (ANSHOWINHAS, 2021).

Segundo Machado (2021), em se tratando da prática desta modalidade, as mulheres enfrentam dois obstáculos. O primeiro deles associado às dificuldades relacionadas às questões de gênero que valorizam o papel do homem nos mais diversos segmentos da sociedade em detrimento da valorização da mulher. Quanto à segunda dificuldade, essa se refere aos preconceitos aos praticantes desta modalidade esportiva, apesar de que cada vez mais ela vem obtendo espaço na mídia, sendo reconhecida como a própria Rayssa o descreveu, ‘um esporte de todo mundo’.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares



A atleta da Ginástica Artística Rebeca Andrade, negra, filha de empregada doméstica e criada na periferia de São Paulo, conquistou duas medalhas nos Jogos de Tóquio – 2020, ouro na prova de salto e prata no individual geral. Entretanto, a segunda conquista foi a mais emblemática, quando a ginasta se apresentou na prova de solo ao som do *funk* “Baile de Favela”, ritmo musical que representa uma manifestação cultural que antes era diretamente associada aos jovens das classes periféricas, mas que alcançou uma popularização que lhe concedeu a condição de um dos símbolos culturais do Rio de Janeiro, tanto no Brasil como no exterior (MIZRAHI, 2013).

Para a referida autora, a representação das favelas sempre esteve relacionada a discriminações raciais, sociais e econômicas, onde morar lá significa ser preto e pobre. E em relação a Rebeca Andrade, se torna inevitável não conceber a inserção de uma mulher negra em uma modalidade olímpica desassociando-a de uma história de preconceito, invisibilidade, interdição e transgressão (GOELLNER, 2016).

No que tange à relação de uma modalidade esportiva como a Ginástica Artística e uma manifestação cultural como o *funk*, considera-se que o esporte pode ser compreendido de acordo com as interpretações de seus atores a partir das suas características socioculturais. Diante dessas interpretações, a sua prática assume características associadas aos sujeitos envolvidos e o cenário no qual ela ocorre (MARQUES et al., 2007; BOURDIEU, 2012).

Visto que o esporte apresenta relação direta com a sociedade e o contexto no qual está inserido, uma conquista vinculada a um gênero musical considerado como ‘de favela’ representa uma manifestação sociopolítica e cultural, que percebe a prática esportiva como um campo fecundo para discussões voltadas para a transformação de valores e atitudes. Todavia, nota-se ainda o esporte como uma instituição social generificada onde exclusão e a distinção de status são percebidas, principalmente as relacionadas às mulheres, negros, homossexuais e outras minorias (GOMES, 2021).

Com a vitória na Maratona Aquática nos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020, Ana Marcela Cunha, nadadora especialista em provas disputadas em águas abertas, conquistou mais uma medalha de ouro. Com um currículo invejável, Ana Marcela havia conquistado anteriormente 10 medalhas em Campeonatos Mundiais, 33 pódios

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

em Copas do Mundo, 3 medalhas em Grand Prix, um ouro nos Jogos Pan-Americanos de Lima 2019, entre outras conquistas (MAGALHÃES, 2021). Ana Marcela, ao ser questionada a respeito da participação das atletas brasileiras nos Jogos de Tóquio – 2020, resumiu em poucas, mas claras palavras a sua opinião sobre o papel da mulher no esporte: ‘mulher pode ser o que ela quiser, onde ela quiser e na hora que quiser’.

Abertamente homossexual, Ana Marcela dedicou a sua conquista a todos aqueles que lutam pela defesa dos direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIA+. Diante desse tema, nota-se que a partir do preestabelecimento de padrões por parte da sociedade, o indivíduo é amoldado como homem ou mulher, ou seja, se nascido fêmea, torna-se mulher, o mesmo ocorrendo com o macho, que deverá cumprir o papel de homem, fazendo com que qualquer comportamento dissonante disso seja desaprovado por considerável parte da sociedade (SEVERINO; GRANDE, 2017).

Goellner (2010) observa que aceitar o fato de que ser diferente não pode ser considerado como ser desigual, sendo cada vez mais necessário que seja incluído nos debates sobre o reconhecimento da diversidade. Tornam-se necessário, portanto, atitudes que propiciem a discussão a respeito da diversidade sexual não somente no esporte, mas em todos os segmentos para que se almeje uma sociedade desprovida de preconceitos e manifestações contrárias aos direitos de cidadãos e cidadãs.

CONCLUSÕES

Percebeu-se que ao longo da história dos Jogos Olímpicos, a participação das atletas brasileiras apresenta considerável progresso, iniciando-se na participação da nadadora Maria Lenk em 1932 até as conquistas das brasileiras na edição dos Jogos Olímpicos realizada em Tóquio, em 2020.

Não obstante, nota-se ainda que há um caminho a ser percorrido para se alcançar um protagonismo necessário para um reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres. Nesse sentido, o cenário esportivo inegavelmente é um instrumento na luta pela igualdade e que não deve privilegiar apenas a participação de homens, mas que também se estabeleça a visibilidade e a valorização das mulheres.



Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA, pelo auxílio financeiro de apoio à pesquisa por intermédio do PIBIC – Programa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

- ANSHOWINHAS, P. Rayssa Leal vence Troféu Inspire do COB em votação popular. Uol, 07 Dez. 2021. Disponível em:<<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/paulo-anshowinhas/2021/12/07/campea-do-premio-brasil-olimpico-e-fenomeno-em-carisma-e-marketing.htm>>. Acesso em 31 Jan. 2022
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012
- DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo-SP: Boitempo, 2016
- FIRMINO, C. B; VENTUR, M. S. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. **Tríade**, Sorocaba - SP, v. 5, n. 10, p. 247-260, dez. 2017
- FORNARI, L. M. et al. Perspectiva de gênero nas reportagens sobre mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 28, p. 1-14, 2019
- GIGLIO, S. S. et al. Desafios e percalços da inserção da mulher nos jogos olímpicos (1894-1965). **Record**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2018
- GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, p. 71-83, mar. 2010.
- _____. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, jan./ mar. 2016
- GOMES, P. Olimpíada de Tóquio: o esporte reafirmando seu papel sociopolítico. **Brasil de Fato**, 28 Jul. 2021. Disponível

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

em:<<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/28/artigo-olimpiada-de-toquio-o-esporte-reafirmando-seu-papel-sociopolitico>>. Acesso em: 28 Jan. 2022

LOPES, A. C. A favela tem nome próprio: a (re)significação do local na linguagem do funk carioca. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 369-390, 2009

MACHADO, R. P. T. A participação das mulheres olímpicas brasileiras nas modalidades esportivas de aventura até os jogos de 2012. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, Lavras – MG, v. 5, p. 13-28, 2021

MAGALHÃES, L. R. A glória de Ana Marcela Cunha agora é eterna. Rede do Esporte, 04 Ago. 2021. Disponível em:< <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/a-gloria-de-ana-marcela-cunha-agora-e-eterna>>. Acesso em: 28 Jan. 2022

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, set./dez. 2007

MIZRAHI, M. A institucionalização do funk carioca e a invenção criativa da cultura. **Antíteses**, Londrina – PR, v. 6, n. 12, p. 855-864, jul./dez. 2013

OLIVEIRA, G. et al. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008

RFI. 'Quando o Brasil da diversidade ganha medalha, Bolsonaro se cala', diz manchete do Eurosport. Carta Capital, 07 Ago. 2021. Disponível em:< <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/quando-o-brasil-da-diversidade-ganha-medalha-bolsonaro-se-cala-diz-manchete-do-eurosport/>>. Acesso em: 31 Jan. 2022

ROMARIZ, S. B. et al. Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.207-216, set./dez., 2007

SEVERINO, C. D; GRANDE, R. C. B. Educação física escolar, homossexualidade e o reconhecimento da diversidade: um ponto de vista. **Revista Anthesis**, Cruzeiro do Sul – AC, v. 5, n. 9, p. 79-91, jan./jun. 2017